

# Orquidário

Volume 3

Julho/Agosto/Setembro

n.º 3



ORQUIDARIO

*Revista R.11*

Livro Tombo n.º *R.11* .....

Obra n.º .....

*J*

Bibliotecário .....

Revista oficial  
**Orquidário**

R.11

---

## DIRETORIA

Presidente..... Alvaro Pessôa  
Vice-Presidente..... Waldemar Scheliga (interino)  
Secretário..... Carlos Eduardo B. Pereira  
Tesoureiro..... Raimundo Mesquita  
Diretor Social..... Hans J. O. Frank

Diretor de Exposições..... Helena Eyer  
Diretor de Julgamento..... Roberto Agnes  
Diretor Técnico..... Roberto Agnes (interino)  
Assistente da Diretoria..... Antônio A. de Gouvêa  
Bibliotecário..... Mário de Abreu Almeida

---

## REVISTA ORQUIDÁRIO

Editor: Roberto Agnes

Comissão Editorial: Sandra Frank, Carlos A. Gouveia, Waldemar Scheliga, Álvaro Pessôa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista é de propriedade de Orquidário, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

---

### Preços

- 1 — contribuição dos sócios:
- fundadores e contribuintes: 7 BTN's Fiscais por trimestre e 20 BTN's Fiscais por anuidade.
  - correspondentes, residindo fora da cidade do Rio de Janeiro: 4 BTN's Fiscais por trimestre e 12 BTN's Fiscais por anuidade.
- 2 — números atrasados e avulsos da Revista, sujeitos à disponibilidade de estoque: 4 BTN's fiscais.
- 3 — publicidade, devendo o interessado fornecer o texto e lay-out:
- página inteira: 125 BTN's Fiscais
  - meia página: 70 BTN's Fiscais
  - quarto de página: 40 BTN's Fiscais

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência dirigida à Revista deverá ser enviada ao Editor, Rua Sorocaba nº 122 — Botafogo, CEP: 22.271 — Rio, RJ.

---

## Índice dos artigos:

- *Cattleya trichopiliochila* ..... pág. 5
- *O gênero Paphiopedilum — uma introdução, Parte dois* ..... pág. 7
- 1st Expointer Orquideas ..... pág. 12
- *O Cultivo de Cymbidiums* ..... pág. 13
- *Uma excursão à serra de Friburgo* ..... pág. 18
- *Híbridos da Cattleya Brasileiros e seus hibridadores* ..... pág. 21
- *Masdevalia infracta* ..... pág. 23

## Índice de fotografias

<i>Cattleya loddigesii</i> .....	Capa e pág. 3
<i>Paphiopedilum callosum</i> .....	pág. 7
<i>Paphiopedilum glaucophyllum</i> .....	pág. 10
<i>Paphiopedilum parishii</i> var. <i>dianthum</i> .....	pág. 11
<i>Cymbidium Ivy Fung</i> .....	pág. 13
Planta com sistema de raízes .....	pág. 17
Raízes depois de limpas .....	pág. 17
Planta reenvasada .....	pág. 17
<i>Phalaenopsis Antarctic</i> .....	Última capa
Fotografias de Álvaro Pessoa	

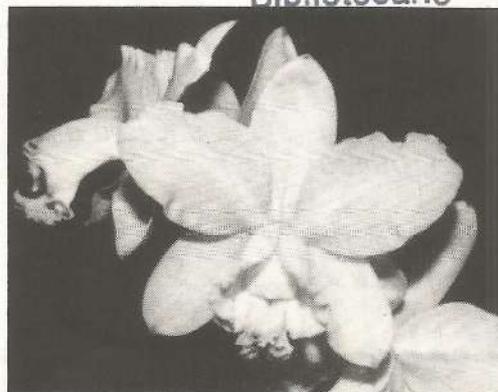
## ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º *Revista 11* .....

Obra n.º .....

*29/04/92* .....

Bibliotecário



*C. loddigesii*

## Nossa Capa

A *C. loddigesii* figura como uma das mais bonitas espécies de **Cattleya**. Essa planta é das mais procuradas, tanto por amadores quanto por profissionais, não só por sua beleza mas também por suas excelentes qualidades como matriz. O exemplar da capa, cultivado e fotografado por A. Pes-

sôa, é o resultado do cruzamento de dois 'clones' de boa qualidade. Mais uma prova de que não se precisa tirar plantas do mato de maneira a se obter bons 'clones'. Resultados excelentes têm sido alcançados através do uso inteligente de boas matrizes.

# EDITORIAL

**S**etembro nos traz a primavera e, de novo, nos juntamos para celebrá-la com a nossa exposição anual. As exclamações de alegria e admiração são mais do que justa recompensa por um ano de dedicação intensa às nossas plantas.

Nem todos os visitantes imaginam o duro trabalho que foi empregado no cultivo, preparo e exibição das plantas.

A exposição é um período em que se esquecem individualismos e o que conta é o comum esforço, que aproxima sócios que, de outra maneira, só se encontrariam nas reuniões mensais e, às vezes, nem isso. Quantos dos novos sócios, normalmente tímidos para tentar aproximarem-se dos "velhos e experientes", fizeram amigos e travaram conhecimentos enquanto compartilhavam tarefas durante a exposição.

Por incrível que pareça, nesses poucos dias em que nos empertigamos, orgulhosos de nossas realizações, possivelmente fazemos mais, por nossa sociedade, do que no resto do ano. Sabemos de sócios que abrem mão de parte de suas férias para passar horas dentro de uma sala de exposições, ajudando na segurança, respondendo perguntas ou simplesmente estando lá para desfrutar da beleza exposta. Este espírito é que faz com que sejam sempre bem-sucedidas as exposições e quanto mais nos empenhamos e damos de nós, maior o sucesso, que todos usufruem.

Quando se olha além das belas flores mostradas, a exposição reflete a so-

riedade que as está exibindo. A maneira como as plantas são dispostas, a integridade do julgamento, tudo que está à vista, tanto do público quanto dos orquidófilos, é uma projeção daquelas que a montaram.

A respeito da OrquidaRio eu diria que a exposição reflete as enérgicas mudanças de enfoque com relação à orquidofilia, e, a cada ano, podemos ver os avanços alcançados ao tentarmos alcançar padrões internacionais.

Outros centros, Joinville é exemplo disso, mostram o esplêndido resultado que o esforço comum pode produzir e tenho esperança na exposição para que a Associação Orquidófila de São Paulo, o Círculo Paulista de Orquidófilos e a Sociedade Bandeirante de Orquídeas, juntando esforços, abrirão o caminho para a consolidação da Orquidofilia em âmbito nacional.

Tendo isto em mente, não é necessário dizer que agora temos mais uma oportunidade de provar que, no Brasil, os orquidófilos são capazes de promover a união/confraternidade necessária para viabilizar tal propósito.

Por uns poucos dias estaremos realizando nossa exposição, não só para brasileiros, mas para a comunidade orquidófila internacional e depende exclusivamente de nós que ela tenha o sucesso que todos esperamos.

Roberto Agnes  
Editor

---

**A** primavera que se inicia, porém, já não encontrará entre nós o nosso Bibliotecário, José Maria Penido, de quem fomos privados por morte repentina. Tornou-se sócio ao visitar uma das nossa exposições, transmitindo, a todos nós lições de alegria e amor pelas plantas. Encarregado pela Diretoria de organizar e instalar a Biblioteca, aplicou, na tarefa, energia e competência. Com sua simpatia obteve doações expressivas de livros e publicações, formando, em pouco tempo, valioso núcleo inicial, que se empenhava em classificar e catalogar.

---

# Cattleya Trichopiliochila, Barb. Rodr.

Waldemar Scheliga (\*)



“N ão, não se trata de uma nova espécie, porém, do resultado de um estudo mais profundo da literatura com ela relacionada”.

Com essas palavras Guido J.

BRAEM, em sua monografia sobre as *Cattleyas* unifolias, inicia o capítulo relativo à nossa conhecida *Cattleya eldorado*. Segundo o autor, o nome que consta do título deste artigo é a de-

\* Rua Almte. Saddock de Sá 133 ap. 401 Rio de Janeiro.

signação válida para essa espécie e explica, a seguir, como chegou a essa conclusão.

Acredita possível que alguma planta da mesma espécie tenha existido na Inglaterra, em meados do século 19. Tanto assim que, em 1853, John LINDLEY recebeu a flor de uma *Cattleya* de um certo Mr. HADWEN, de Liverpool, dada como proveniente de "Barra do Rio Negro". Como LINDLEY não descreveu essa planta como espécie nova, BRAEM presume que LINDLEY tivesse achado insignificante a diferença entre essa e a *Cattleya labiata*. Plantas da referida espécie (*Cattleya eldorado*) comprovadamente apareceram, na Europa, em 1866, precisamente na firma LINDEN, na Bélgica. Essas plantas foram coletadas por Gustav WALLIS, no Rio Negro, e os primeiros espécimens floriram em 1867. Contudo, ainda eram uma raridade nas coleções européias, até que, em 1876, BINOT realizou uma grande remessa para a Europa. LINDEN e seus colaboradores deram à planta o nome de *Cattleya eldorado*, nome que, desde aí, "pegou".

Como primeira descrição, sempre se mencionou: *Cattleya eldorado* Linden, Flore de Serres, vol. 18, t. 1826 (1869-1870). No entanto, um estudo mais atento dessa publicação revela uma surpresa. A nota foi escrita por VAN HOUTTE e, portanto, a citação correta deveria ser: *Cattleya eldorado* Van Houtte ou *Cattleya eldorado* Linden ex Van Houtte. Diante disso, BRAEM chegou à conclusão que a publicação é simplesmente 'não-válida', de acordo com o Regulamento da Nomenclatura Botânica, pois não contém uma descrição da planta, nem a Diagnose com desenhos das várias partes da flor.

Afirma BRAEM que a primeira publicação correta e válida foi feita por BARBOZA RODRIGUES, em 1877,<sup>1</sup> dando à planta o nome de *Cattleya trichopiliochila*, em alusão à forma tubular do labelo.

Até agora esta denominação era mencionada, apenas, na lista de sinônimos: *C. trichopiliochila* Barb.

Rodr.; *C. mc-morlandii* Nichols; *C. virginalis* Lind. et André; *C. quadricolor* var. *eldorado* (Lind.) E. Morr. et Devos; *C. wallisii* Lind. et Rchb.f.

O autor da pesquisa admite que muitas vezes se farão ouvir, para protestar e defender a manutenção da nomenclatura "do costume". Porém, adverte que, pelas regras internacionais da Nomenclatura Botânica, não se reconhece "direitos adquiridos" para as espécies e, portanto, todos devem seguir as regras estabelecidas. Assim sendo, *Cattleya eldorado* Linden ex Van Houtte é considerado NOMEN NUDUM.

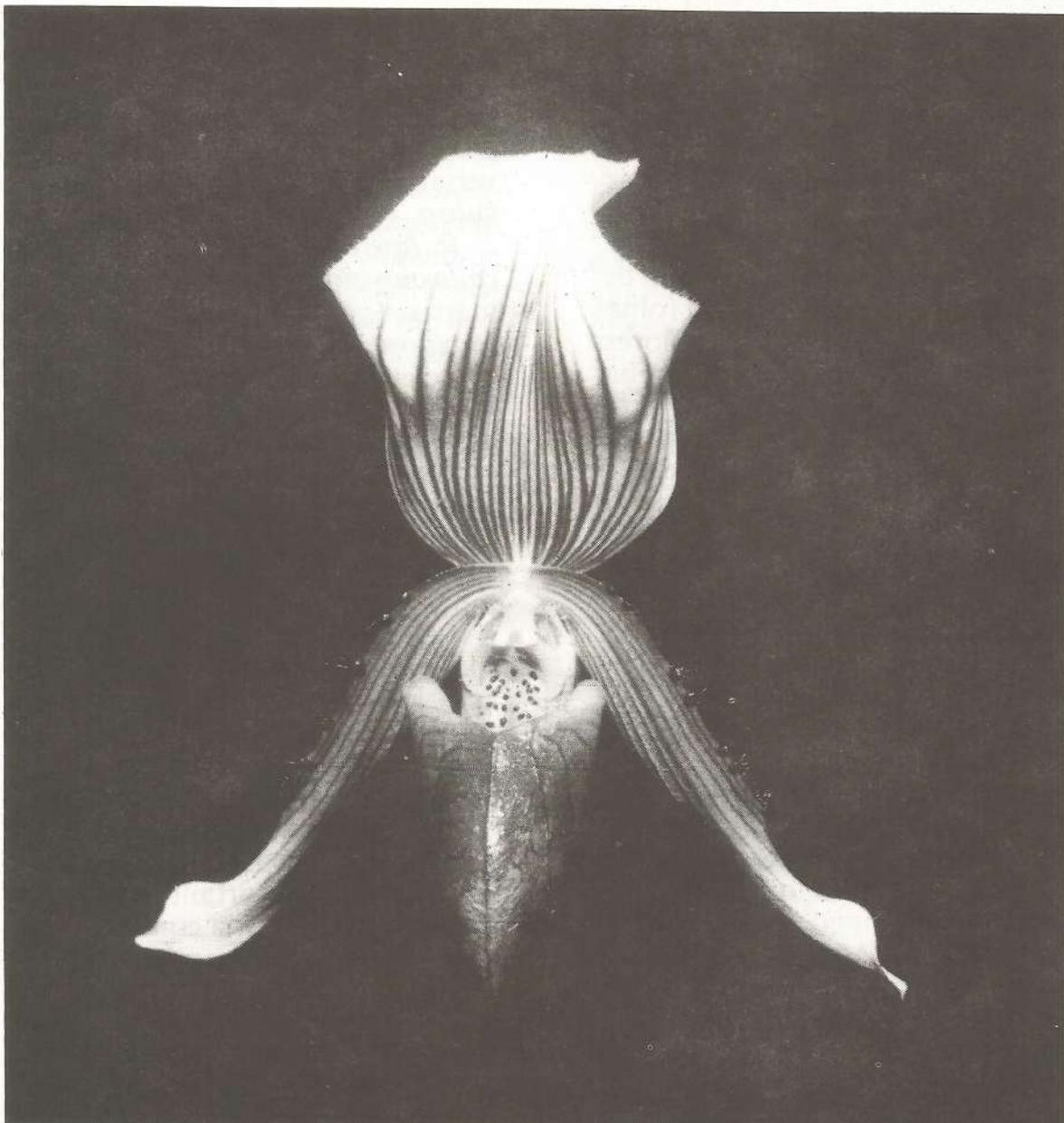
Para nós, orquidófilos brasileiros, é motivo de satisfação e orgulho o reconhecimento de mais uma espécie, descrita pelo grande botânico patricio João BARBOZA RODRIGUES. Acostumado, porém, ao velho nome *Cattleya eldorado*, simples e tão fácil de pronunciar, creio que dificilmente trocaremos o mesmo pelo "palavrão" *C. trichopiliochila*.

Desde a implantação no século XVIII da classificação dos vegetais em bases científicas, por Carolus Linnaeus ou Carl von Linné — o pai da Botânica moderna, não para a ciranda dos nomes de gêneros e espécies. A mesma orquidácea era, muitas vezes, classificada e descrita por diferentes botânicos, dando origem a uma verdadeira "salada" de nomes. Por isso, desde o final do século passado, renomados botânicos e orquidófilos dedicam-se ao trabalho de reclassificar e eliminar a multiplicidade dos nomes de certas espécies. É tarefa que, provavelmente, jamais terá fim.

Outra de nossas orquidáceas também foi alvo da pesquisa do mesmo Guido J. BRAEM que, em 1984, publicou na revista "Die Orchidee", da D.O.G., artigo declarando ilegítimos os nomes *Cattleya guttata* var. *leopoldii* (Lemaire 1855) ou *Cattleya leopoldii* (Verschaffelt ex Lemaire 1854) e restabelecendo o nome *Cattleya tigriana* (A. Richard 1848), por ser a denominação mais antiga.

Também nesse caso prevalece, entre nós, o nome arraigado: *Cattleya leopoldii*.

(1) BARBOZA RODRIGUES, J. Genera Species Orquidacearum Novarum, 1877, vol. 1, pág. 70.



*Paphiopedilum callosum* Cultivo: Aranda

# O Gênero *Paphiopedilum*

## Uma Introdução

### Parte Dois

Roberto Agnes\*

O subgênero *Paphiopedilum* é dividido em 5 seções, a saber: **Barbata**, **Cocholopetalum**, **Coryopedilum**, **Pardalopetalum** e **Paphiopedilum**. As espécies das seções **Coryopedilum** e **Pardalopetalum** produzem inflorescências multifloras, com todas as flores abrindo ao mesmo tempo. As espécies da seção **Coryopedilum** também produzem inflorescências multifloras, embora as flores se abram sucessivamente e somente duas flores se encontram abertas ao mesmo tempo. As espécies das demais seções produzem uma única flor por inflorescência e podem ocasionalmente produzir duas flores quando bem cultivadas.

\* Travessa Pepe, 98/201 - Botafogo - CEP: 22290 - Rio - RJ

## Seção Barbata

A seção *Barbata* consiste de 24 espécies que incluem *P. acmodontum*, *P. appletonianum*, *P. barbatum*, *P. callosum*, *P. lawrenceanum*, *P. mastersianum*, *P. purpuratum*, *P. sukhakulii*, *P. tonsum*, *P. venustum*, *P. violascens* e *P. wardii* entre outros. As plantas normalmente têm folhas marchetadas e produzem inflorescências com uma única flor, embora nas espécies *P. barbatum* e *P. callosum* não sejam incomuns duas flores numa mesma inflorescência. O labelo tem lóbulos laterais proeminentemente encurvados e as pétalas são pintadas ou verrugadas na maioria das espécies. *P. callosum* é uma das espécies mais importantes por causa de sua contribuição para a hibridação. A espécie é nativa da Tailândia, Camboja, Laos e Vietnam. As plantas crescem entre o musgo das rochas, nas florestas montanhosas, freqüentemente perto de riachos em altitudes que variam de 300m a 1.200m. As folhas são salpicadas de pintas creme e medem até 20cm de comprimento. As flores são produzidas em uma inflorescência de até 30cm, e medem até 11cm de diâmetro. A flor é caracterizada por uma grande sépala dorsal, branca e listrada, fortemente, de roxo-escuro e verde. As pétalas têm um leve tom de verde e têm também listras e verrugas grená. As flores são similares às do *P. barbatum* mas tendem a ser algo maiores. A forma albina, conhecida como *P. callosum* var. *sanderae*, produz flores brancas que são listradas de verde, essa variedade tem sido bastante usada em hibridações. Recentemente um clone muito escuro *P. callosum* 'Sparkling Burgundy' foi descoberto e esta planta tem servido para hibridação de *Paphiopedilums* do tipo 'Vinicolor'. Existe alguma discordância quanto a se outros clones escuros, como *P. callosum* 'Jac' deveriam ser classificados como espécie distinta por causa de sua cor característica e do formato diferente das pétalas. A descrição de *P. sublaeve* parece ter

criado alguma polêmica e alguns taxonomistas acham que a planta não é suficientemente distinta para que seja classificada como uma espécie particular, entendendo estes que deveria permanecer como *P. callosum* subsp. *sublaeve*.

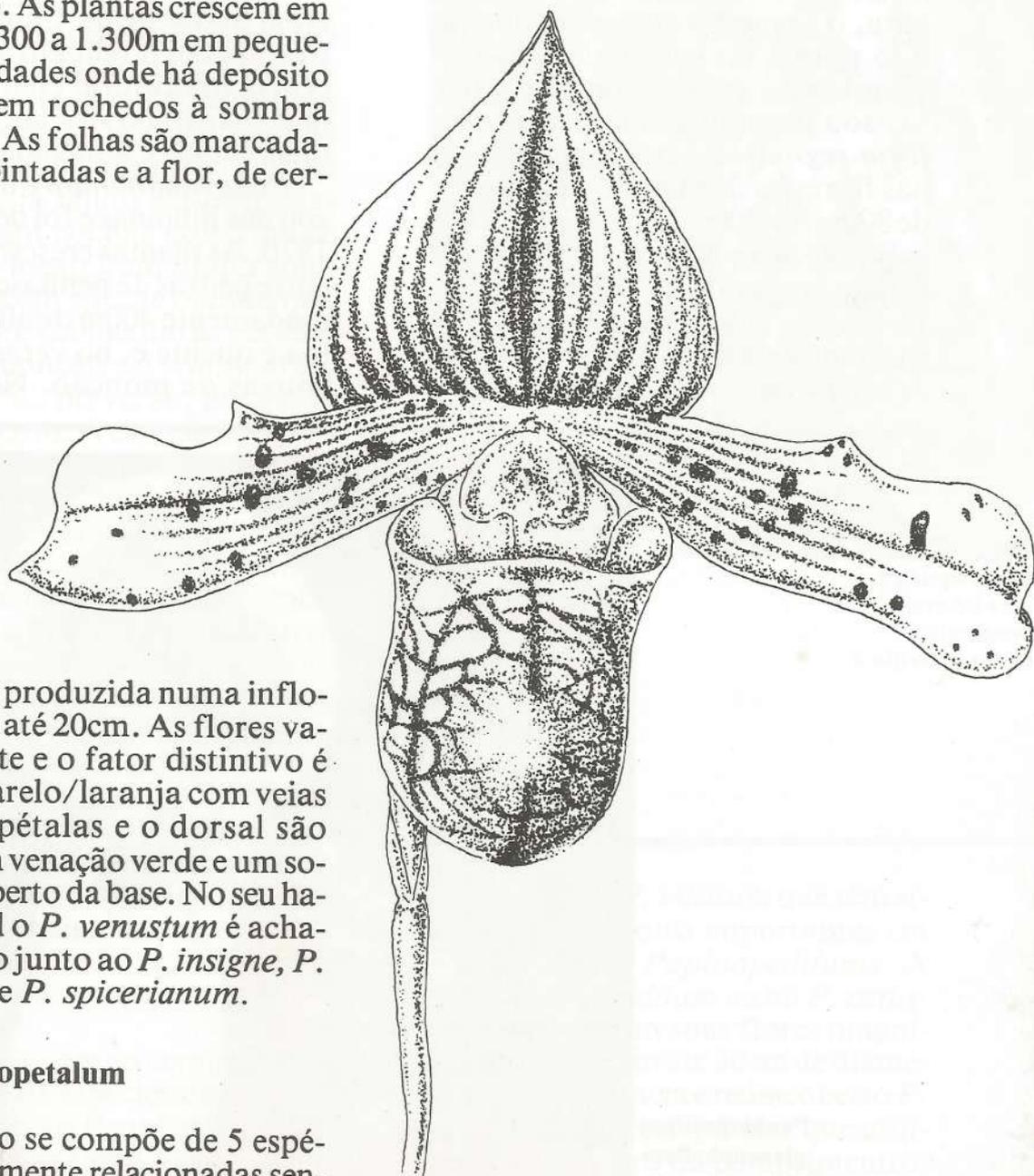
*P. lawrenceanum* é, junto ao *P. callosum* uma das mais importantes matrizes para a hibridação entre os *Paphiopedilums*. Quando essas duas espécies foram cruzadas, o famoso *P. Maudiae* foi criado, e se tornou um dos ícones da hibridação de *Paphiopedilums*. *P. lawrenceanum* é aparentado proximamente ao *P. callosum* e se distingue do último por suas folhas marcadamente marchetadas, pelas verrugas grená escuro nas margens inferior e superior de suas pétalas e por um dorsal bastante colorido e grande. O *P. lawrenceanum* é raro em seu habitat natural e é endêmico no Borneu, crescendo em florestas primárias, a 400m de altitude. Como o *P. callosum*, essa espécie apresenta bastante variedades, sendo a mais importante a sua forma albina conhecida como *P. lawrenceanum* var. *hyeaanum*.

*P. sukhakulii* foi introduzido recentemente em cultivo, em 1964, e se tornou uma das mais populares espécies de *Paphiopedilum*. As plantas crescem na montanha Phu Luang no nordeste da Tailândia, em solo arenoso e calcário, rico em húmus, geralmente perto de riachos à sombra das árvores da floresta. Na parte mais baixa da montanha essa espécie cresce junto ao *P. callosum*. Esta espécie, que recebeu o nome em homenagem ao Senhor Sukhakul de Bangkok, introdutor da planta no cultivo, se acha perto da extinção por causa da coleta predatória por mateiros. Somente um pequeno número dessas plantas ainda existe no habitat natural, onde, em outras épocas se encontravam milhares de plantas. O *P. sukhakulii* é aproximadamente relacionado ao *P. wardii*, embora suas flores tendam a ser relativamente maiores. A progênie é em geral fortemente sarapintada com somente uma ►

flor por inflorescência que mede até 20cm de altura. As flores de até 12cm de largura tem dorsal branco, com listras marcadamente verdes, sendo salpicadas de pintas roxas na base. As pétalas são verdes e salpicadas fortemente com pintas marrons escuras com margens ciliadas. Desde o início de cultivo, vários híbridos foram registrados. As flores resultantes são fortemente influenciadas pelo *P. sukha-kulii*.

O *P. venustum* foi descoberto em 1816 e foi a primeira espécie de *Paphiopedilum* a ser descrita e introduzida no cultivo. A espécie é nativa do nordeste da Índia e as plantas estão sujeitas às monções e, por isso, têm um verão quente e úmido, enquanto que, no inverno, o clima é mais fresco e seco. As plantas crescem em altitudes de 300 a 1.300m em pequenas concavidades onde há depósito de húmus, em rochedos à sombra das árvores. As folhas são marcadamente sarapintadas e a flor, de cer-

do elas: *P. glaucophyllum*, *P. liemianum*, *P. primulinum*, *P. victoria-mariae* e *P. victoria-regina* que são endêmicas em Java e Sumatra. As características distintivas desse grupo são flores pequenas, pétalas torcidas e espiraladas e inflorescências multifloras nas quais as flores se abrem em sucessão. Devido às pequenas diferenças entre as espécies existe uma grande dificuldade em se decidir se elas realmente são espécies válidas ou, simplesmente, variedades de uma espécie. Cada espécie cresce em locais específicos das ilhas e somente no caso do *P. victoria-mariae* e *P. victoria-regina* existe uma



ca de 8cm, é produzida numa inflorescência de até 20cm. As flores variam bastante e o fator distintivo é o labelo amarelo/laranja com veias verdes. As pétalas e o dorsal são brancos com venação verde e um sopro de roxo perto da base. No seu habitat natural o *P. venustum* é achado crescendo junto ao *P. insigne*, *P. fairreanum* e *P. spicerianum*.

### Seção Cochlopetalum

Essa seção se compõe de 5 espécies proximamente relacionadas sen-

justaposição geográfica, no centro de Sumatra.

*P. primulinum* é achado crescendo em húmus em floresta de árvores baixas, no topo de colinas de calcário acerca de 500m de altura em Sumatra. A flor típica mede até 6cm de largura e varia do amarelo-pálido ao amarelo-brilhante. As folhas são verdes, lisas, e, algumas vezes, levemente marchetadas e a inflorescência pode alcançar 35cm de comprimento.

*P. victoria-regina* foi descrito pela primeira vez em 1892, junto com o *P. chamberlanianum*, o que criou certa confusão quanto à validade deste último como espécie. Porque o *P. victoria-regina* foi descrito primeiro e uma descrição completa foi feita, o nome permanece como válido para a espécie e não o do *P. chamberlanianum* denominação que se usou por muitos anos. O *P. victoria-regina* tem seu habitat natural nas florestas de Sumatra a altitudes de 800m a 1.600m e cresce em rochas cobertas de musgo. As plantas têm folhas longas de até 30cm que são verdes com um sopro de roxo no dorso. A inflorescência atinge até 60cm de altura, havendo registro de um es-

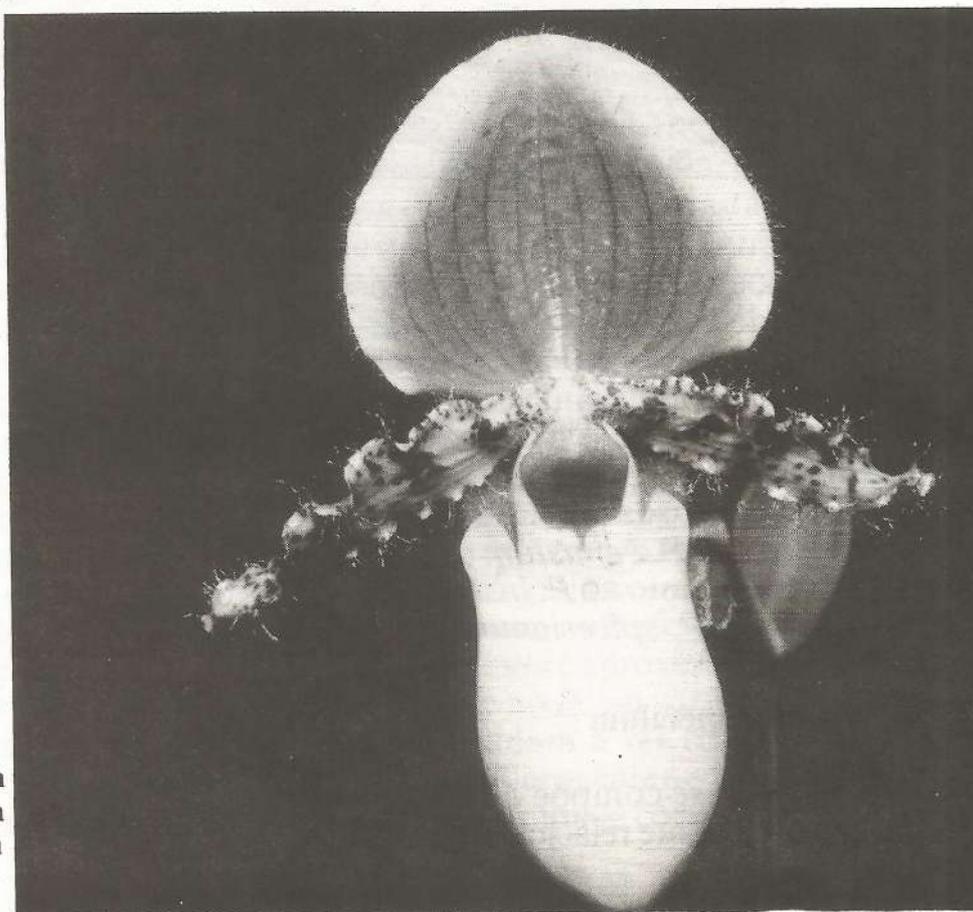
pécime com 33 flores numa só inflorescência. As flores que são de até 9cm de largura abrem-se em sucessão. O dorsal varia de amarelo/verde a branco com amarelo na metade inferior e tem veias roxas escuras. As pétalas são de um amarelo pálido e pintadas de grená, o labelo é rosa com a borda branca e salpicada de roxo.

### Seção Pardalopetalum

A menor das cinco seções, compreendendo três espécies: *P. haynaldianum*, *P. lowii* e *P. parishii*. As espécies dessa seção têm uma larga distribuição que vai das Filipinas passando por Burma, Malásia, Borneu até o Sudoeste da China. Todas as três espécies produzem uma inflorescência multifloral com até 7 flores que são caracterizadas por suas pétalas caídas e alongadas.

*P. haynaldianum* é nativa de Luzon nas Filipinas e foi descoberta em 1870. As plantas crescem em húmus entre pedras de penhascos a aproximadamente 400m de altitude. O clima é quente e, no verão, sujeito às chuvas de monção. No inverno a

**Paphiopedilum  
glaucophyllum**  
Cultivo: Aranda

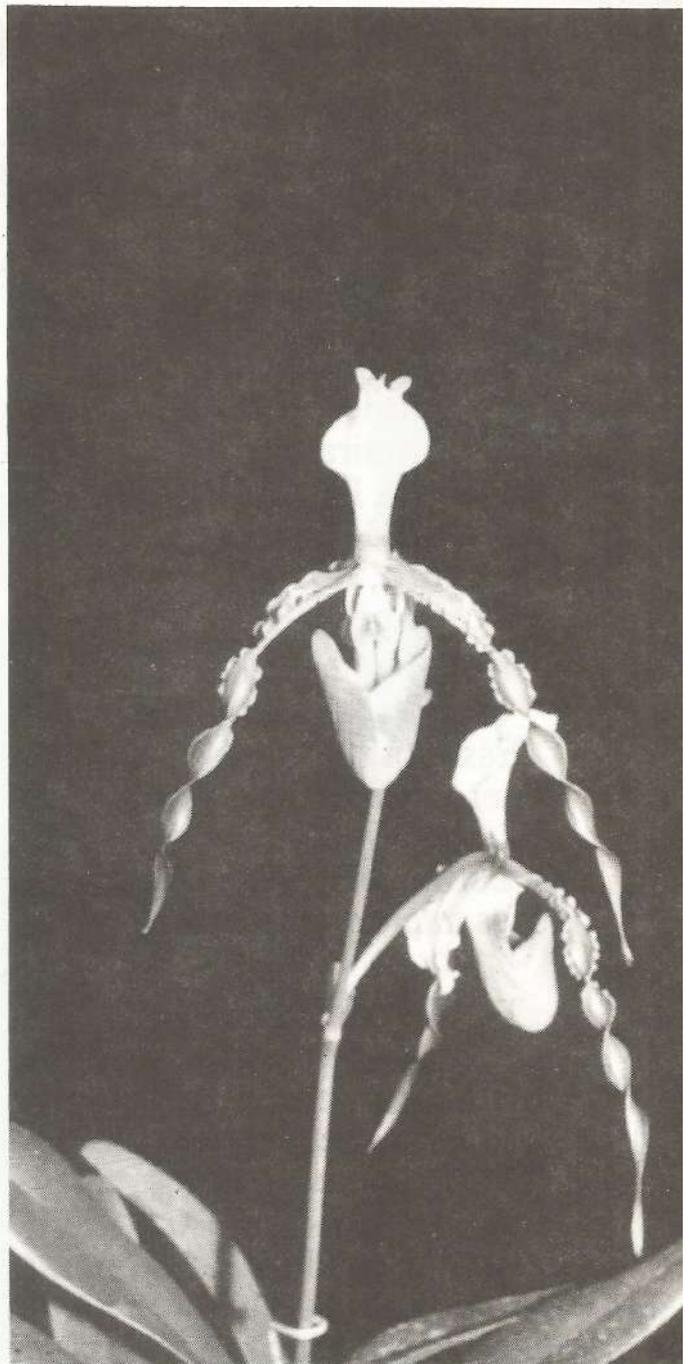


temperatura cai consideravelmente e há noites em que chega a quase 0 grau. Esse é um fator importante no cultivo dessas espécies, pois o frio produz o choque térmico necessário à floração. As plantas são bem grandes e as folhas alcançam 45cm de comprimento. A inflorescência, de até 50cm, carrega de 3 a 5 flores que têm de 10 a 12,5cm de largura. O dorsal é de um branco-cremoso com um sopro de roxo nos lados e amarelo-esverdeado no centro e tem fortes pintas marrons na metade inferior com roxo na metade superior.

Esta espécie foi, recentemente, bastante usada na hibridação e seu hábito multifloral tende a ser dominante.

*P. parishii* foi descoberto em 1859 em Burma e assim chamado em homenagem ao Reverendo Parish. As plantas crescem como epífitas, na Tailândia, a uma altura de 1.350m de altitude, já tendo sido achadas crescendo em rochas cobertas de musgo, em locais com muita sombra. Como com o *P. haynaldianum* o *P. parishii* é submetido às pesadas chuvas de monção e a temperatura varia de 36°C, no verão, até quase 0°C, no inverno. A espécie tipo produz até 9 flores por inflorescência que pode atingir 50cm de comprimento. As flores têm até 13cm de diâmetro e são de um verde-pálido com veias mais escuras. As pétalas são pintadas de marrom-escuro, quase preto, e têm as margens também marrom-escuras. *P. parishii* var. *dianthum* é endêmico na província de Yunnan no Sudoeste da China e cresce acerca de 2.000m de altitude. Originalmente descrita como uma espécie distinta, tem diferenças tão pequenas do *P. parishii* que é colocada como uma variedade de *P. parishii*.

No próximo artigo completamos a série sobre as espécies de *Paphiopedilum*. A seção *Paphiopedilum* inclui espécies tais como *P. insigne*, *P.*



*Paphiopedilum*  
*parishii* var.  
*dianthum*  
Cultivo: Aranda

*fairreanum* e *P. vilosum* que têm sido matrizes muito importantes em hibridação de *Paphiopedilums*. A seção *Coryopedilum* inclui *P. rothschildianum* com suas flores magníficas que medem até 30cm de diâmetro e o recentemente redescoberto *P. sanderianum* com pétalas que atingem até 1 metro de comprimento.

# 1st Expointer Orquídeas

Mariza E. Torelli

**A** Associação Orquidófila de São Paulo, o Círculo Paulista de Orquidófilos e a Sociedade Bandeirantes de Orquídeas se reuniram para promover a Primeira Exposição Internacional de São Paulo, de 23-26 de novembro, no Club Hebraica, salão nobre, Rua Hungria, 1.000.

Esse será o maior evento do gênero realizado no país e um dos mais expressivos na América Latina, congregando expositores nacionais e estrangeiros.

Trata-se de uma ocasião especial, ansiosamente aguardada pela comunidade orquidófila nacional e internacional, por ser o Brasil um dos maiores repositórios naturais desse magnífico exemplar da flora, atualmente em acentuada fase de crescimento da produção e comercialização, interna e externa, da planta e da flor, como produto.

Paralelamente, será realizada o IV Encontro de Orquidófilos e Orquidólogos, com destacadas participações nacionais e internacionais, cuja preocupação maior é a divulgação de aspec-

tos ligados à cultura e ao estudo das orquídeas, sua preservação e conservação.

O evento conta com o apoio de importantes órgãos federais e estaduais, como o Ministério da Agricultura, a Secretaria de Estado da Cultura, o Instituto de Botânica (da Secretaria do Meio Ambiente), o IBAMA — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis, entre outros.

Milhares de pessoas poderão apreciar as mais lindas orquídeas nativas do Brasil e procedentes de outros países, bem como os mais expressivos híbridos. Haverá julgamento das plantas expostas e premiações.

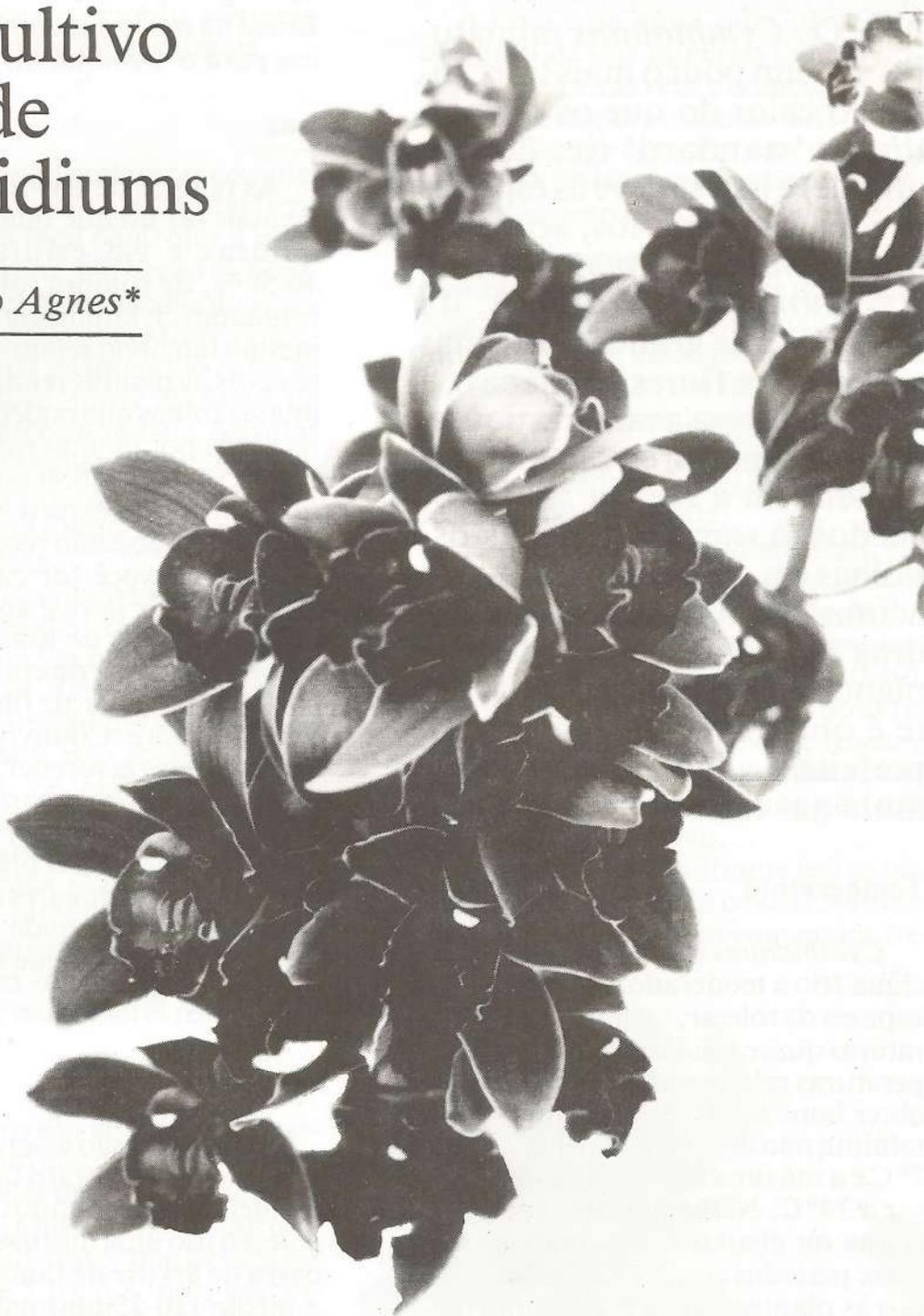
As associações, entidades e orquidófilos interessados em participar poderão fazer suas inscrições e obter informações no seguinte endereço:

## 1 EXPOINTER ORQUÍDEAS

Coordenação-Geral  
Rua Voluntários da Pátria,  
1.573  
CEP 02.011  
São Paulo  
Tel.: (011) 290-1027

# O Cultivo de Cymbidiums

Roberto Agnes\*



Cymbidium Ivy Fung Cultivo: Álvaro Pessoa

**A**s plantas do gênero *Cymbidium* estão entre as orquídeas mais bonitas e populares dentre as que são cultivadas em lugares temperados. Vantagens sobre muitas outras orquídeas são seu fácil cultivo e farta floração, especialmente quando bem cultivadas. A maioria dos *Cymbidiums* cultivados, hoje, é

originária de espécies de clima frio, achadas nas elevações do nordeste da Índia e Burma, sendo as espécies *C. eburneum*, *C. grandiflorum*, *C. insigne* e *C. lowianum*. Os *Cymbidiums* de floração precoce (os que florescem cedo no ano), também têm as espécies, *C. erostrostylum* e *C. tracyanum*, como antepassa-

\* Travessa Pepe 98/201, Botafogo, — CEP. 22.290, Rio de Janeiro

dos. Os *Cymbidiums* miniaturadas são um pouco mais tolerantes ao calor do que os *Cymbidiums* 'standard' (ie. de flor grande) e isso se deve às espécies usadas para criá-los, sendo *C. devonianum*, *C. pumilum*, *C. tigrinum* e *C. madidum*, da Austrália, de grande porte mas que produz flores pequenas.

Na natureza a maioria das espécies é semiterrestre e as plantas tendem a crescer sobre rochedos, à sombra de arbustos. Folhas em decomposição que se acumulam nas fendas das pedras servem de adubo para as plantas. Fator muito importante é que a drenagem é sempre perfeita e a água nunca se acumula nas raízes.

### Temperatura

*Cymbidiums* são essencialmente de clima frio a moderado e as plantas são capazes de tolerar, no inverno, temperaturas quase gélidas e, no verão, temperaturas relativamente altas. Para se obter bons resultados, a temperatura mínima não deveria ser menor do que 7°C e a máxima não deveria ultrapassar a 34°C. Naturalmente, variações acima ou abaixo dessas marcas, durante períodos curtos, não causará danos às plantas. No verão é importante que haja uma diferença de aproximadamente 8°C, entre dia e noite, isto induz o início das hastes florais.

Uma dica para não confundir a haste floral com o broto novo, sendo que os dois são produzidos da base do pseudobulbo. A haste floral é mais gorda e parece um lápis, o novo broto é achatado e de forma triangular.

Se você for plantar o *Cymbidium* num clima subtropical é importante que cultive híbridos que tenham *C. erostrotylum* como antepassados, ou, alternativamente, *Cymbidiums* miniatura. No Estado do Rio a cidade de Teresópolis dispõe de clima que se aproxima do necessário para que as plantas floresçam. Mais para o sul do

Brasil há melhores condições climáticas para o *Cymbidium*.

### Luz

As plantas de *Cymbidium* gostam de mais luz do que muitas outras orquídeas e em estufa que tenha 40-50%, de sombra, obter-se-á bons resultados. É importante que vasos do mesmo tamanho sejam colocados juntos pois as plantas tendem a produzir muitas folhas que podem reduzir a luz recebida por plantas menores. As folhas deverão ostentar cor verde-clara, se forem verde-escuro isto indica que as plantas não estão recebendo luz suficiente. Se você for cultivar as suas plantas ao ar livre é suficiente colocá-las embaixo de uma árvore onde elas recebam luz direta de manhã e a partir de meio-dia luz filtrada pelas folhas da árvore. Como regra, o centro do vaso deveria receber, por dia, pelo menos uma hora de luz direta.

A circulação de ar é vital para os *Cymbidiums* pois as plantas não gostam de ficar em lugares de ar estagnado, mas em lugar onde recebam uma brisa constante ou que tenha boa circulação de ar.

### Substrato

As espécies são essencialmente terrestres e um substrato bem arejado dá os melhores resultados. Com minha coleção uso uma mistura de 6 partes de casca de árvore de tamanho pequeno a médio (10-35mm) para 3 partes de pequenas lascas de mármore (como o usado em cemitérios).

Infelizmente não é fácil se achar essas cascas de árvore no Brasil e tenho tido resultados razoáveis com o xaxim desfibrado e isento de pó. Outra alternativa é usar caroços de pêssego em lugar de casca de árvore (creio que se poderia achá-los com relativa facilidade nas fábricas de conservas). Para cada metro cúbico de substrato deve adicionar-se um balde de meio litro de calcário dolomítico e um quarto de litro de superfosfato granulado. Para aqueles interessados em rebrotar os pseudobulbos velhos, depois de divididos, coloquem-nos em um vaso pequeno com areia de leito de rio ou las-

cas de mármore, regando somente quando o novo broto despontar.

### Rega

O substrato não pode secar completamente. Prefiro vasos de plástico, quando é mais fácil controlar a umidade do substrato. No verão as plantas deveriam ser bem regadas duas vezes por semana. Se o substrato começa a parecer seco no intervalo entre as regas, dê um leve 'spray' de água, de maneira a manter a umidade. Em dias quentes as plantas deveriam ser borri-fadas em intervalos regulares, isso baixa a temperatura e eleva a umidade em volta das plantas.

No inverno as plantas são regadas com menos frequência. Não há uma regra fixa e uma vez por semana parece ser suficiente. Deve lembrar-se de aumentar os buracos de drenagem no fundo dos vasos, isso previne o acúmulo de água. Se você usa vasos de barro, lembre-se de que eles tendem a secar mais rapidamente e talvez seja preciso uma rega mais freqüente. O pH da água é importante porque influencia diretamente a capacidade da planta absorver nutrientes, o pH de  $\pm 6,2$  tende a dar os melhores resultados.

### Adubação

*Cymbidiums* são vorazes e para assegurar um bom crescimento e produção de flores, eles devem ser adubados regularmente. Outro fator importante é o pH do substrato, que deverá ser mantido entre 5,6 e 6,8, pois isso assegura a correta assimilação do adubo dado à plantas.

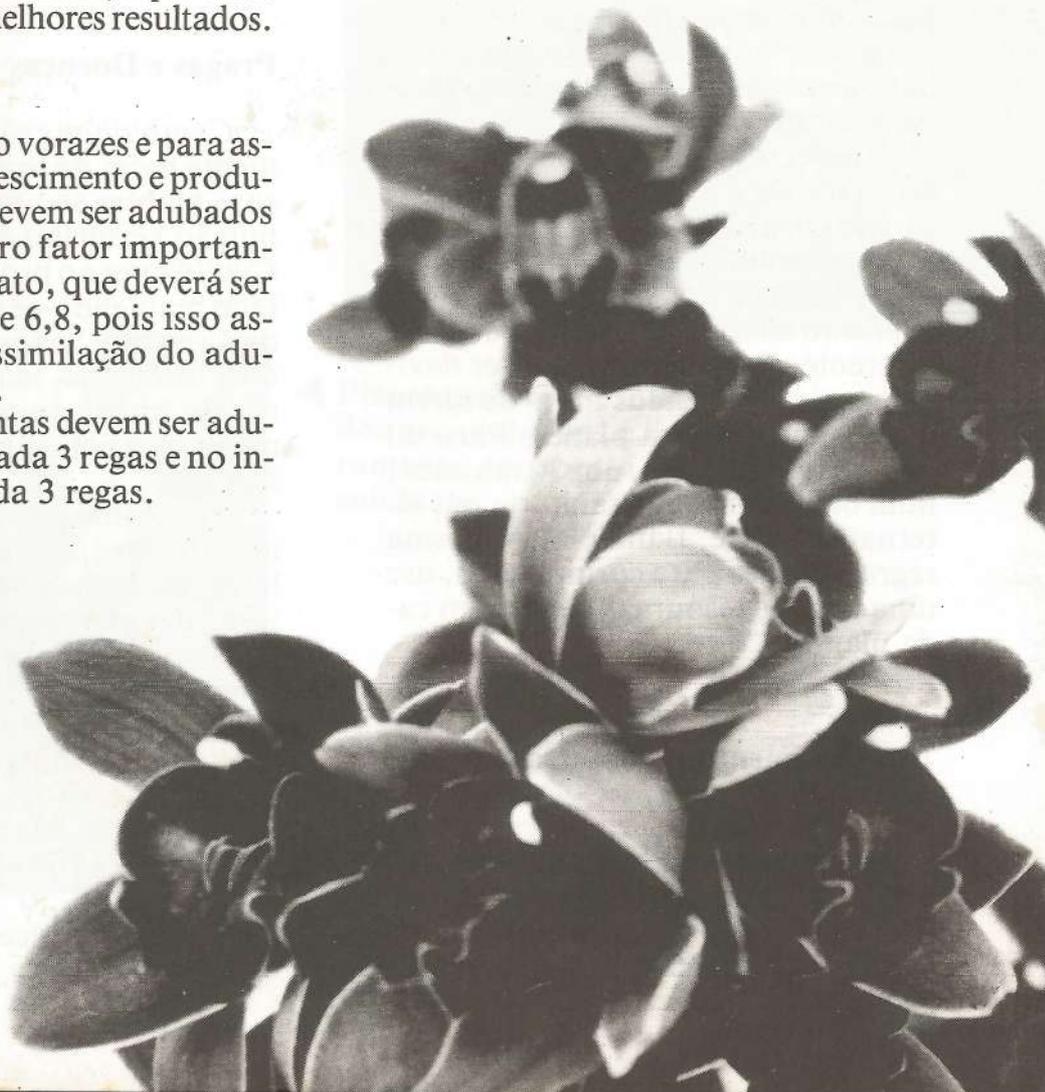
No verão as plantas devem ser adubadas 2 vezes em cada 3 regas e no inverno 1 vez em cada 3 regas.

A rega com água pura previne o acúmulo de sais minerais dentro dos vasos. Na primavera e começo de verão, meses de crescimento ativo, use um fertilizante com alto teor de nitrogênio (30;10;10). Isso promove um desenvolvimento rápido do novo broto.

De fevereiro até meados de abril, as plantas adultas deverão ser adubadas com um fertilizante com baixo teor de nitrogênio e de alto teor de fósforo e potássio (10;20;30) de forma a estimular o surgimento de hastes florais. Durante o inverno o fertilizante deverá ser balanceado (18;18;18) para fortalecer as hastes florais.

Isso pode soar complicado mas, para aqueles que cultivam numa grande escala, a diferença na produção de flores é significativa. Para os que possuem poucas plantas, usando-se (30;10;10), na maior parte do ano, terão bons resultados. No inverno deve-se trocar o fertilizante para um com menor teor de nitrogênio já que a planta não está em crescimento ativo.

Quando usar fertilizante leia as instruções do fabricante cuidadosamente e, se você for adubar com maior fre- ▶



qüência, use uma dosagem menor do que aquela recomendada, sendo que a metade é suficiente.

### Envasamento e Propagação

As plantas não gostam de ser perturbadas freqüentemente e, quando reenvasadas, deve deixar-se espaço para que cresçam por três anos. As plantas devem ser reenvasadas quando terminar a floração e quando o novo broto aparecer. Quando se divide a planta, esteja certo de deixar pelo menos 2 bulbos e um broto novo de maneira a se obter flores na próxima estação. Quando a planta é retirada do vaso você pode cortar 2/3 do bolo de raízes. Retire todo o substrato e corte as raízes danificadas ou podres.

Coloque pedaços quebrados de vaso de barro no fundo do vaso limpo, isso assegura boa drenagem da água. Depois de reenvasar esteja certo de que a planta está firmemente colocada no vaso e de que os pseudobulbos estejam ligeiramente encobertos pelo substrato (o substrato deve cobrir até 15mm da base do pseudobulbo). Deixe a planta durante alguns dias sem regar, somente borrifando as folhas, isso permite às raízes que foram cortadas ou que sofreram algum dano se regenerarem.

O aspecto mais importante de dividir e envasar é a cuidadosa esterelização dos instrumentos de corte. Vírus são transmitidos através da seiva de uma planta infestada, por isso use instrumento esterilizado para cada planta diferente. Os usados devem ser devidamente esterilizados antes de serem usados numa outra planta. Para tal deixe o instrumento, por 30 minutos, num balde com água sanitária ou, alternativamente, flambe-o. A mesma regra se aplica para cortar hastes, use uma faca ou tesoura diferente em cada planta.

### Estaqueamento e Sombreamento de Flores

As flores numa haste tendem a ficar muito pesadas e às vezes fazem com que a haste se quebre. A haste deve ser reforçada com a ajuda de uma

estaca e deve-se ter cuidado para não amarrar a haste muito apertada, evitando-se assim que haja estrangulamento da haste à medida que cresça.

Para alcançar os melhores resultados as plantas deveriam ser corretamente sombreadas quando os botões despontam da espata protetora. Plantas de flores brancas e verdes devem ser bastante sombreadas, isto assegura verdes-claros e limpos e previne as queimaduras rosa/marrons causadas pelo sol nas sépalas das flores brancas. As vermelhas devem receber bastante luz enquanto estão se desenvolvendo, mas, quando as flores estiverem abertas, elas devem ser sombreadas de modo a não desbotarem. Pequenos detalhes como estes aumentam a qualidade das flores, especialmente quando o propósito são as exposições.

Não deixe a haste na planta por mais de 2 semanas depois que a última flor na haste se abrir, pois isto pode retardar o crescimento da planta e provavelmente você não terá uma boa floração no ano seguinte.

As flores duram bastante tempo na água e podem ser admiradas por semanas depois de terem sido cortadas.

### Pragas e Doenças

*Cymbidiums* são plantas relativamente livres de pragas se a estufa e as suas plantas são mantidas limpas. O pulgão vermelho é a maior praga do *Cymbidium* e o problema pode ser evitado mantendo-se a umidade adequada na estufa. Se for preciso pulverizar com inseticida, tente evitar um veneno sistêmico durante o desenvolvimento dos botões pois isto pode danificá-los.

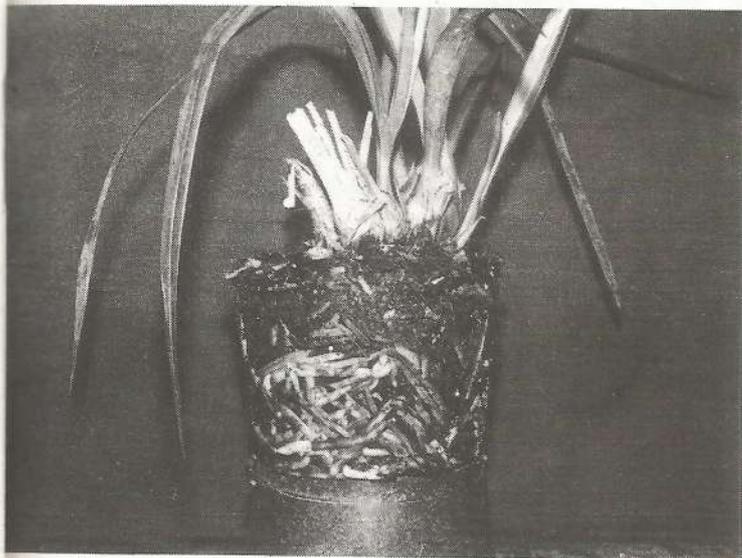
Um último ponto sobre vírus: se o novo broto apresentar marcas irregulares nas folhas, remova a planta de junto das outras e observe o seu desenvolvimento. Se as marcas persistirem, o único remédio é queimar a planta porque o vírus não é curável. Vírus é facilmente transmitido por afídio (pulgão) e tentar conservar uma planta doente, pode, a longo prazo, lhe trazer grandes problemas.

No Brasil, o entusiasmo por *Cymbidiums* é recente e muitos cultivadores tendem a achá-lo de difícil

cultivo. Hoje existem vários orquidários em São Paulo produzindo *Cymbidiums* em grande escala, e com relativo sucesso.

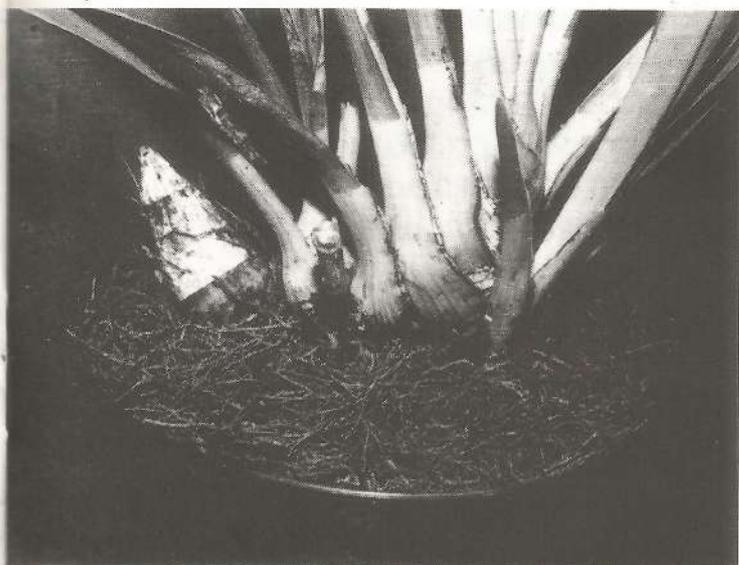
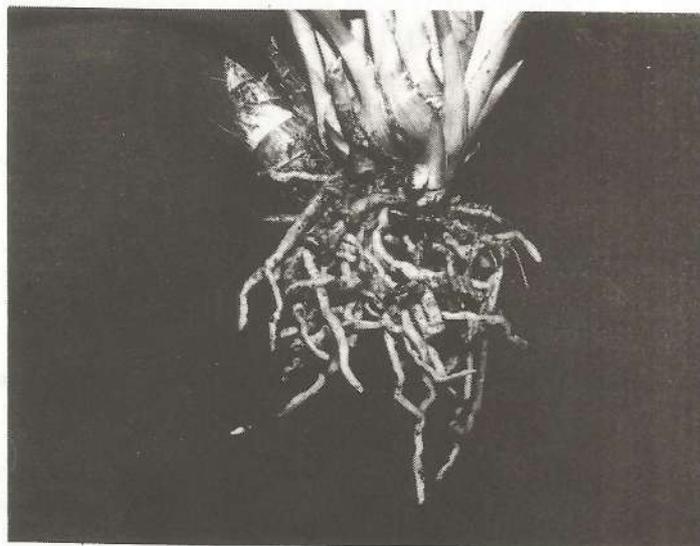
Atualmente os *Cymbidiums* são

encontrados em quase todas as cores menos o azul e estou certo que veremos cada vez mais estas esplêndidas plantas em exposições e em nossas reuniões mensais.

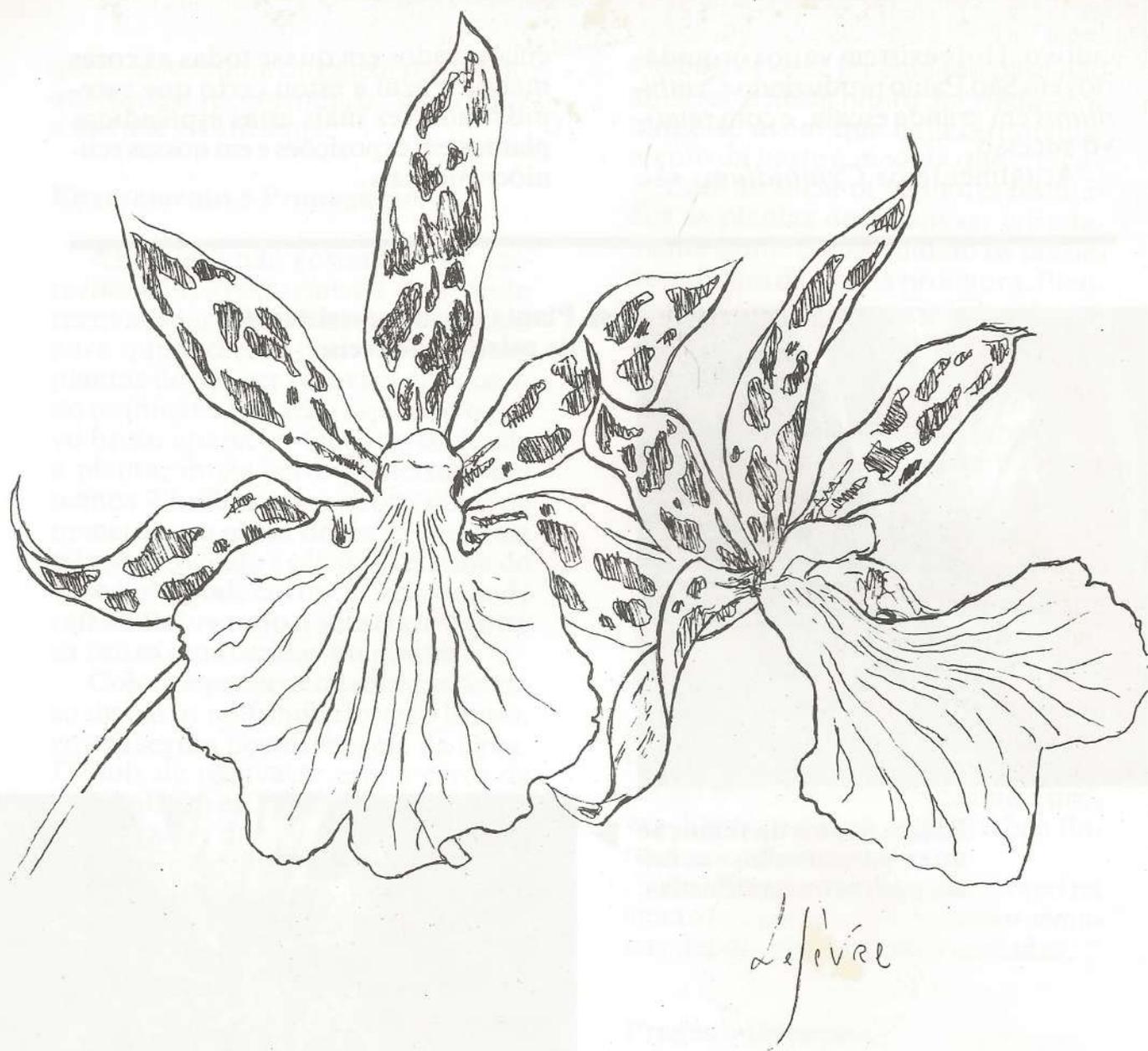


◀ **Planta mostrando sistema de raízes saudáveis.**

**Raízes depois da remoção do substrato velho e as raízes podres ou danificadas.**



◀ **Planta reenvasada, a base dos pseudobulbos é ligeiramente encoberta pelo substrato.**



## Uma Excursão à Serra de Friburgo

Helena Eyer

No dia 26 de maio último, a turminha que foi a Itabirito, realizou mais uma excursão. Desta vez, duas orquidófilas muito conhecidas nossas se engajaram: Penha e Sandra, da Florália.

Para variar, o tempo não estava muito "católico". Telefonemas foram trocados entre os participantes, para confirmar se haveria ou não a excursão. Hans Frank, sempre tão animado, queria desistir. Mesmo as-

sim, como fora anteriormente combinado, às 6:30 da manhã nos encontramos na casa dele, em Itaipu.

Ao chegarmos, ele, que não acreditava na nossa ida, muito surpreso, disse que orquidófilo é mesmo muito “louco” e que não deveríamos subir a serra porque estava muito frio, chovendo, e que também não conseguira reserva em nenhum hotel.

Insistimos. Vamos de qualquer maneira. Se der, deu. Em vista de tanta insistência, após filarmos um cafezinho esperto que Sandra Frank nos ofereceu, saímos às 7:10, debaixo de uma garoa fria.

Nossa turma tem mesmo muita sorte. O tempo foi melhorando, o sol surgiu e lá fomos nós, em quatro carros.

A caravana parou, pela primeira vez, em Cachoeiras de Macacu, para uma visita ao “pipi-room” (indispensável, com o frio que fazia), um cafezinho e água.

Quando começamos a subir a serra, perto de uma obra da CE-DAE, nosso guia Hans parou e nos chamou para ver alguns *Leptotes* que estavam numa árvore, bem ali, ao nosso alcance.

Estacionamos no acostamento e começou o corre-corre para ver e fotografar o que encontrássemos. As orquídeas estavam bem no alto. Penido, que havia comprado duas máquinas em Cachoeiras, não pestanejou: muniu-se com um galho seco, amarrou uma das câmeras na

ponta do galho e tentou alcançar a planta... não conseguiu. Aquela obra, na beira da estrada, além de um monte de brita, tinha uma enorme caixa d'água bem cheia e sem tampa. Penido subiu na beirada da tal caixa e tentou de novo alcançar a plantinha. A torcida, cá embaixo, era grande. Tanto que, para dar mais firmeza ao Penido, segurei em sua canela. Foi hilariante, com fotografia tirada pela Sandra Altenburg e muita gozação...

Ao final de algum tempo, ele conseguiu registrar exemplares para cada um de nós.

Continuamos a viagem e, novamente, o Hans nos parou para mostrar uma infinidade de *Zygopetalums* floridos, em vários tons de lilás, além de muitos *Epidendrums*.

De novo estacionamos e... novo safári de fotos.

Ana Maria levou um empadão de galinha e o Hans algumas garrafas de vinho branco, que foram servidos após a sessão de fotografias. O lanche estava ótimo. Quem passava pela estrada não entendia nada: alguns carros parados, seus ocupantes do lado de fora, comendo e bebendo ali, naquele lugar frio e ventoso...

Ao chegarmos perto de Muri, saímos da via principal e entramos numa estradinha de uns 11km, que ia dar no Hotel Fazenda São João. Percorremos uns 4km e paramos para entrar na mata. A incidência ali era de *Oncidium crispum* e *Gomesa crispa*, entre outras espécies. Encontramos poucas plantas. ►

Orquidófilo só fica satisfeito de verdade quando encontra mata fechada. Na matinha anterior não havia quase nada. Mas, logo adiante, chegamos à mata fechada. Começamos por transpor um valão com muitas pedras e cheio d'água. Foi um custo atravessá-lo. Hans, como sempre, nos ajudava. Muitos foram os escorregões e até um de nós, não me lembro quem, caiu em cima de um espinheiro. Tudo bem! Continuamos a subir, abrindo caminho, agarrando os galhos, para maior firmeza, caindo, escorregando. Em dado momento, ouvimos uma voz que nos dizia: "batarde"... O susto foi grande e a vergonha ainda maior. A "mata fechada" era, nada mais nada menos, que o terreno daquele senhor que, sentado numa cadeira de balanço e fumando cachimbo, não entendia por que uma turma estava invadindo seu sítio. Pedimos mil desculpas e, sem fotografar nada, saímos do local depressinha, rindo muito.

Como faltavam apenas 7km para chegar ao Hotel Fazenda, resolvemos ir até lá e tentar o almoço.

Além de ser muito estreita a estrada, a chuvinha miúda que caía transformava a terra em lama. Parecia que caminhávamos para o "inferno".

Quando já estávamos chegando, o Abreu derrapou e bateu numa pedra, amassando o pára-lama dianteiro do carro. Sorte dele em não ser o último da caravana. Ficou parado, esperando, até que surgisse alguém para socorrê-lo. Penha fez um enorme galo na cabeça,

mas, como ela mesma nos informou, não foi nada sério, graças a Deus...

O Lassance, que vinha logo atrás, improvisou uma mecânica com um galho seco e deu certo. O carro seguiu e, após uma hora de viagem, conseguimos vencer os restantes 7km.

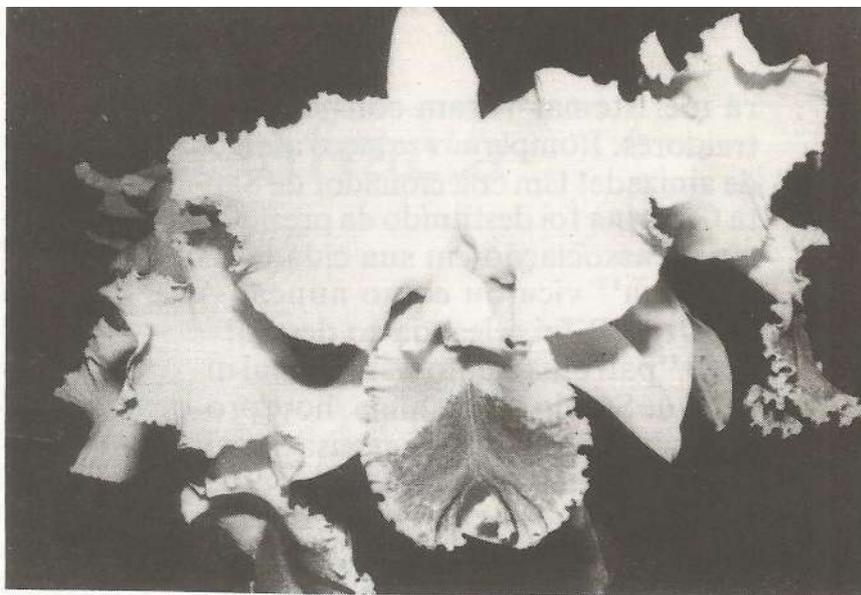
Para aquele fim de mundo, o hotel é uma graça! Tem tudo que o turista deseja, quando sai do burburinho de uma cidade grande. A dona do hotel, uma senhora alemã, nos recebeu com todo carinho e nos mandou servir uma lauta feijoada. A descontração foi geral, principalmente depois de umas "batidinhas". Como não queríamos enfrentar aquela estrada à noite, saímos logo após o almoço, mas não sem antes dar um giro pelos arredores do hotel, apreciando seus beija-flores (mais de 20 espécies), seus pavões e belíssimas orquídeas, espalhadas pelos jardins.

Quase chegando ao final da estradinha, na volta, houve nova parada para fotografarmos *Zygopetalum* com flores quase albas. Alguém tirou uma soneca, outros fizeram "pipi", alguns imprevistos sem importância e muitas fotos.

Como era de se esperar, a excursão foi, mais uma vez, um grande sucesso.

O que ficou de tudo isso foi sentir que, por intermédio da nossa OrquidaRio, a orquidofilia tem o dom de atrair pessoas, que se tornam amigas. E quanto às orquídeas e seu habitat, a quem quiser alguma informação mais detalhada, fica o convite: que venha conosco, na próxima excursão!

# Híbridos de Cattleya e seus Híbridadores Brasileiros Final



Lc. Sônia Altenburg Cultivo: A. Pessoa

Álvaro Pessoa

**A**o procurar criar uma coleção, o interessado pode ter em mente vários objetivos: demonstrar seu capricho e cuidado com as peças escolhidas; investir na coleção para formar uma reserva de valor utilizável em caso de necessidade, ou dedicar-se à atividade como simples “hobby”. As coleções de orquídeas não fogem a estas regras e, quem estiver interessado em colecioná-las, deve ler o oportuno artigo (último número da revista) de Raimundo Mesquita, no qual se buscou uma explicação para esta interessante escolha.

Até os fins dos anos 60, iniciar uma coleção de orquídeas de alto padrão, segundo unânimes depoimentos, parece ter sido a tarefa de um gigante. Os grandes colecionadores compravam suas plantas a peso de ouro e as trocavam apenas entre si, de sorte que os orquidófilos poderosos eram uma casta especial, para quem os demais ficavam relegados a segundo plano. Waldyr Endesfeldz conta ter ouvido de um desses poderosos, a quem solicitara um traseiro miúdo de *Laelia purpurata* “carnea” (então raríssima) a sentença fatal: “mas isto não é planta para o seu bico”.

As estórias podem se repetir “ad nauseam”, mas tinham sempre o mesmo objetivo: manter o monopólio da beleza! Isto não impedia que a orquidofilia, no Rio de Janeiro, nos Estados do Sul e em Minas Gerais fosse forte

e ativa. As raridades continuavam, entretanto, nas mãos de 10 ou 12 poderosos cultivadores. Poderosos no sentido econômico-financeiro ou no sentido do bom-gosto e das amizades (elementos decisivos na estrutura da boa coleção).

Foi no início da década de 1970, que o advento da clonagem ou da produção de meristemas começou a mudar o quadro. Rolf Altenburg iniciou a clonagem de suas melhores matrizes híbridas e tornou possível aos colecionadores de porte médio, o preço acessível de plantas de boa linhagem. Aos grandes colecionadores de espécies isto não afetou. Afinal, Rolf sempre fora um grande colecionador de híbridos e não de espécies. Nunca ameaçou o monopólio das raridades em matéria de espécies.

No início da década de 1980, entretanto, a EQUILAB, empresa controlada acionariamente pelo falecido Adhemar Manarini, entrou comprando pesado no mercado de espécies para fazer clonagem (ou cópias) das espécies adquiridas. Pior ainda, pois entrou na área mais sensível dos cultivadores de espécies: a das *Laelia purpuratas*, *Cattleya labiatas* e *intermedias*. Foi um deus-nos-acuda! Pela primeira vez, os grandes colecionadores tiveram suas coleções, formadas com cuidado, alto preço e sacrifícios, ameaçadas de desvalorização.

Os que venderam boas espécies pa- ▶

ra meristemar foram considerados traidores. Romperam-se laços antigos de amizade! Um colecionador de Santa Catarina foi destituído da presidência da associação em sua cidade! A “fofoca” vicejou como nunca! A EQUILAB foi relegada ao desvio!

O “patrulhamento” atingiu tal nível, que Sumio Nakashima, hoje produzindo meristemas, se recusa a aceitar encomendas de clonagem de espécies. Não quero encrencas, diz ele. Ainda recentemente, em Guaxupé, Sebastião Carneiro de Moraes, mineiro finíssimo e companheiro digno de honrar qualquer sociedade, queixou-se a este escriba das críticas que recebeu, por ter vendido, ano passado, algumas plantas. Dizia ele com razão: as plantas são minhas! Comprei-as com meus recursos! Ninguém tem nada com a forma de venda ou a quem as vendo. Menos ainda com o que quem compra vai fazer com elas!

O certo é que este patrulhamento está sendo vencido de duas formas. Primeira, pelos altos valores que estão sendo oferecidos a quem obtém raridades de valor reconhecidamente perpétuo. Já foram meristemadas verdadeiras raridades: *C. warneri* “Memória Roberto Kautsky”; *L. purpurata* “Milionária”; *C. labiata* “Emília” etc.

A segunda forma de flanquear este bloqueio, advém do natural aprimoramento de espécies feito por cruzamento ou autofecundação. Walter Haetinger, Aldomar Sander e o grupo de São Leopoldo, entre outros, destronaram, eles próprios, suas velhas *Laelia purpuratas* e *Cattleya intermedias*. As raridades de outrora foram vendidas no CEASA! Teruyoski Yano, Maurício Verboonen, Sandra Odebrecht, Sumio Nakashima, Harusi e Jorge Iwasita, Adhemar Manarini e César Wenzel, aprimoraram espécies que relegaram as antigas ao lixo!

A guerra agora é pelo monopólio das espécies “super-super”. Quem as detém, trabalha na mais absoluta “moita”. Até para vingar-se de quem está meristemando! Sabe-se, por exemplo, da obtenção, no Rio Grande do Sul, de uma cruzada de *L. purpu-*

*rata* (milionária x princesinha) que bate, de longe, a milionária. Não vou revelar o nome do proprietário, para evitar tornar-se réu de um processo crime, mas que ela existe, existe!

De certo modo, o bom senso eliminou a importância do meristema. Este, na precisa observação de Aldomar Sander, “quebra o encanto”. O cultivador sabe sempre o que vai esperar da planta, e não tem a sensação da descoberta! Nossa flora é tão rica; a possibilidade do aproveitamento de variações tão grande, que o meristema quase não tem mais justificativa, salvo talvez para corte de flores.

Esta produção hoje significativa de espécies aprimoradas, está também acabando com uma praga antiga da orquidofilia: a coleta de plantas nativas das florestas. A porcentagem de plantas boas obtidas na floresta é tão pequena, que ela não é compensadora. Os acertos de plantas obtidas em aprimoramento de espécies são, ao contrário, comprovadamente bons, menos arriscados de obter e, no conjunto, mais baratos.

O último capítulo da orquidofilia ainda não está escrito de forma completa. Ele passa pelas verdadeiras indústrias que os cultivadores japoneses mantêm no Vale do Paraíba. Eiji Hasegawa com seus 70.000 (isto mesmo, 70.000) *Phalaenopsis* em flor e 300.000 plantas em cultivo! Haga com 400.000 *Dendrobiums* e inúmeros outros do mesmo porte.

A orquidofilia brasileira não é mais, ou, pelo menos, não pode mais ficar sendo, um jogo de pioneiros heróicos. É preciso abrir a mente e as idéias à nova realidade. Acabou o tempo dos juntadores de plantas do mato! Que não são, geralmente, colecionadores caprichosos e dedicados, mas são os primeiros a criticar os prêmios daqueles que o são. *Cabeça*, como lembrava em recente conversa nosso associado Hans Kunning, é *como pára-quedas*: “Só serve, para alguma coisa, quando abre”. Vamos manter nossas cabeças abertas para o bem do futuro da orquidofilia brasileira e enfrentar com grandeza a nova realidade.

# Masdevallia infracta

*M. J O'Connor*

Quando se descreve a um iniciante ou a um leigo como se constitui uma orquídea é fácil de se demonstrar o arranjo característico de uma flor. Em gêneros como *Cattleya* e *Cymbidium* a flor tem um verticilo externo de três sépalas e um verticilo interno de três pétalas, sendo uma o labelo. Quando se chega, porém a um gênero como *Masdevallia* isto se torna mais difícil porque os segmentos florais se juntam para formar um tubo.

O gênero *Masdevallia*, que se estende do México ao Brasil, foi nominado por H. Ruiz e J. Pavon em 1797. É um gênero grande com aproximadamente 250 espécies, a maioria dos quais vem das montanhas andinas no Peru, Venezuela e Colômbia. Embora recentes trabalhos taxonômicos tenham dividido o gênero em seções, com a criação de novos gêneros como *Dracula*, a última revisão foi de Kraenzlin em 1925 com a publicação de uma monografia sobre o gênero.

Com a tendência de miniaturizar plantas para que tomem menos espaço, permitindo assim maior quantidade de plantas em uma coleção, as *Masdevallias* estão se tornando mais populares. Embora geralmente consideradas orquídeas de clima frio, como as *Miltonias*, aquelas do Brasil são mais tolerantes ao calor e portanto permitem aos cultivadores de áreas mais quentes a satisfação de cultivar e fazer florir essas plantas sem nenhum problema.

Uma das espécies brasileiras que cresce e floresce facilmente é a *Masdevallia infracta*. Essa espécie foi descoberta pelo viajante e naturalista Descourtilz, nas florestas do maciço montanhoso entre o Rio de Janeiro de Campos. Gardner, em 1837, coletou plantas na Serra dos Órgãos e as mandou ao Messr. Lodiges em cujo orquidário elas floriram em 1838. A espécie, contudo, fora descrita e classificada por Lindley em 1831. Lemaire de novo a descreveu e classificou como *Masdevallia longicaudata* em 1868 e por isso esse nome se tornou um sinô-



nimo da espécie. O nome específico, *infracta*, significa inteira (não quebrada) e o porque de sua aplicação à espécie permanece obscuro. Duas variedades (var. *aristata* e var. *púrpura*) são reconhecidas, embora exista uma grande variação nas flores das plantas vistas no habitat natural.

A planta, embora miniatura, costuma formar uma bonita moita e se torna numa planta especímen rapidamente. Os bulbos em forma de cana medem até 20mm de altura e produzem uma única folha que mede aproximadamente 110mm de comprimento por 23mm de largura. A haste mede até 150mm de comprimento e carrega geralmente uma flor e ocasionalmente duas. A flor tubular tem uma extensão natural numa direção horizontal de 13mm e o comprimento, tirado verticalmente, é de 65mm. A sépala dorsal que se prolonga numa cauda afilada mede até 50mm e a sépala lateral se afila numa curva e tende a tocar a extremidade correspondente da sépala lateral oposta. As pétalas são difíceis de identificar por seu tamanho

pequeno e medem até 5mm de comprimento. O labelo se esconde no tubo formado pelas três pétalas e mede aproximadamente 8mm de comprimento.

A planta pode ser cultivada num vaso pequeno com xaxim e é importante manter o xaxim úmido e nunca

deixa-lo ficar completamente seco. A planta deve ser colocada numa estufa onde tenha proteção contra as geadas de inverno e no verão a temperatura não deverá ultrapassar 30°C. *M. infracta* floresce em novembro/dezembro e as flores têm razoavelmente longa duração.

---

## Uma resposta para todos

- 1) **Pode-se empregar o esterco de galinha ou de ovelha, para adubagem das orquídeas? Se positivo, como empregá-lo? Se negativo à indagação anterior, qual o adubo químico ou orgânico recomendado, bem como a sua composição (fórmula), e o processo do emprego?**

*Álvaro Marques Gomes*

A adubação de plantas em geral, inclusive orquídeas, deve obedecer a um equilíbrio entre nitrogênio, potássio e fósforo. O esterco de aves é riquíssimo em nitrogênio, mas tem apenas traços dos outros componentes. O resultado é que as plantas ficam fortes mas a floração é medíocre (flácida) e a planta perde a imunidade às doenças, por enfraquecimento do sistema imunológico. O adubo químico ideal é o que contenha porcentagens equilibradas de potássio, nitrogênio e fósforo, geralmente em porcentagens 6%; 6%; 6% ou 18%; 18%; 18%.

*Álvaro Pessoa*

- 2) **Há uma espécie de formigas pequenas, de cor preta, que freqüentam os vasos de orquídeas. São elas nocivas? Caso positivo, qual o defensivo recomendado?**

*Álvaro Marques Gomes*

As formigas que formam colônias ao redor do brotos (para sugar o excesso de açúcar), não parece fazerem mal algum às orquídeas.

*Álvaro Pessoa*

- 3) **Estou pulverizando minhas plantas, semanalmente, com fertilizante líquido 10;30;0 (*Cattleyas, Laelias, Dendrobiums, Phalaenopsis* etc.). Apliquei 20 gr/vaso de torta de mamona. Que acham?**

*Carlos Hermeto Bueno C. P. 37 Lavras, MG*

Normalmente é aconselhável usar um adubo que é balanceado ie. 18;18;18. O adubo deveria ser aplicado durante a rega pois, nem sempre, a planta é capaz de assimilar o adubo através das folhas. A mamona é extremamente rica em nitrogênio e deve ser aplicada com muito cuidado para não sobrecarregar a planta. Por ser um adubo orgânico é mais difícil de se controlar o efeito dele nas plantas.

*Roberto Agnes*

### Conteúdo do próximo número

No próximo número teremos a continuação da série sobre *Paphiopedilum*. Raimundo Mesquita nos mostra como cultivar uma associação e Waldemar Scheliga conta um pouco da história da nossa flor nacional: *L. purpurata*.

NO NATAL DE 1989, UM PRESENTE ESPECIAL

Presenteie seu amigo orquidófilo com uma assinatura para 1990 da revista Orquidário.

VEJA COMO É SIMPLES

Envie agora um cheque no valor de 12 BTN's fiscais e o nome do presenteado. Em dezembro a revista comunica ao seu amigo sua oferta. Ele se lembrará de você o ano inteiro!



**FLORÁLIA®**

**ORQUIDÁRIOS  
REUNIDOS LTDA**

CAIXA POSTAL N.º 100.541  
24.000 - NITERÓI - RJ

**ESPÉCIES , HÍBRIDOS E MERISTEMAS**

**ENVIAMOS LISTA MEDIANTE SOLICITAÇÃO**

**ABERTA TODOS OS DIAS DE 8:00 ÀS 17:00**

EST. DA FIGUEIRA , 592  
TEL.: (021) 721-0088  
NITERÓI 24.000 - RJ

RUA MAESTRO OCTÁVIO MAUL, S/N  
TELS.: (0242) 42-4340 E 43-6050  
PETRÓPOLIS - RJ

**FLORABELA**

— ORQUÍDEAS Nativas do Estado do ESPÍRITO SANTO

ÉRICO DE FREITAS MACHADO

CAIXA POSTAL 841 - CEP 29.001 - VITÓRIA - ES

Seedlings de matrizes  
premiadas e selecionadas  
de  
**Cattleya intermedia**  
**Laelia purpurata**

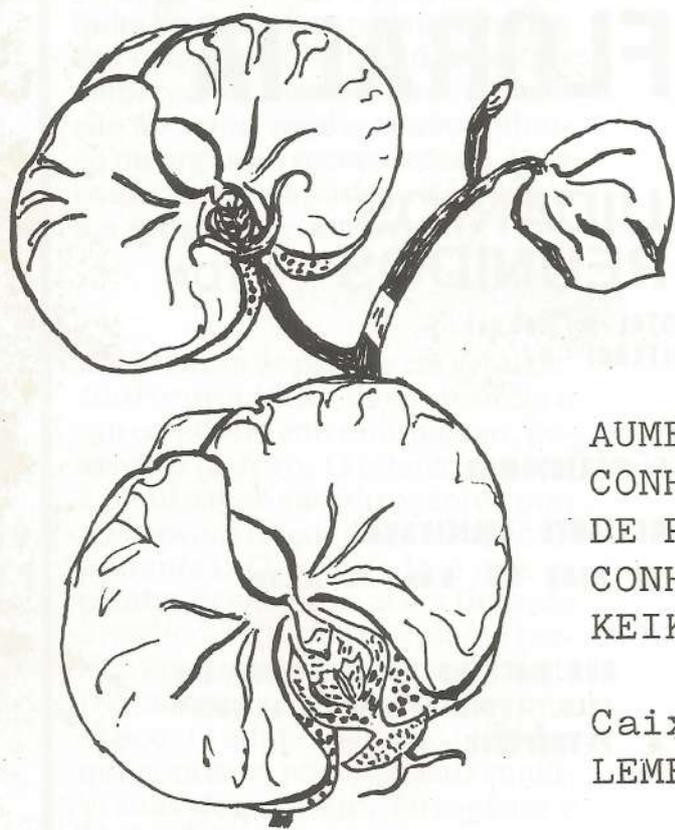
ESPÉCIES NATIVAS  
BRASILEIRAS E  
ESTRANGEIRAS

SOLICITE NOSSO  
CATÁLOGO



**RICSEL**  
**ORQUÍDEAS**

Rua Jataí, 758 - Porto Alegre - RS  
90650 - BRASIL  
(0512) 49.7566 - Telex (51) 3974 RPNL



*Marcony*  
*Orquídeas*

AUMENTE SUA COLEÇÃO!  
CONHEÇA 25 CRUZAMENTOS  
DE PHALAENOPSIS.  
CONHEÇA O USO DE  
KEIKI GROW E KEIKI ROOT.

Caixa Postal 64020,  
LEME, Cep.22012, RJ.

**Corim**

O substrato alimen-  
tício 5;1;14, auto  
estabilizante do pH  
(5,3); duração mí-  
nima de 4 anos.

Pedidos e informações: A.B. Gomes Ferreira -  
R. do Paissandu, 678/902 - 52010 Recife- fo-  
ne: (081)536-1016; Iara Freitas do Valle -  
Callada das Acácias, 52 - 06400 Alfaville SP  
fone: (011)421-4508

---

**equilab<sup>®</sup>**



as melhores espécies  
de orquídeas brasileiras  
reproduzidas por clonagem  
ou sementeira.

solicite nosso catálogo  
caixa postal 132  
13.100 campinas - sp  
tel. (0192) 41 1899  
telex. (019) 1183

As flores do gênero *Phalaenopsis* estão entre as mais elegantes das orquídeas. O nome deriva do grego, *phalei-ne* (mariposa) e *opsis* (aparência), que se refere ao delicado formato de mariposa das flores e à cor predominantemente branca de algumas espécies.

